ICET TC 3687

Lisboa, 15/9/87

Ex.mo Rev.mo Senhor
Padre Carlos Ximenes Belo
Administrador Apostólico de Dili
Timor-Leste

Os meus melhores cumprimentos

Acabo de receber, em dois dias consecutivos, 10 e 11 de Setembro, três cópias da sua carta a mim dirigida a propósito dos artigos insertos no "Diário de Notícias" e "Vida Nueva". Embora de três procedências diferentes, só o padre João Caniço teve a lealdade de juntar um cartão pessoal a acompanhar a sua carta. Não fosse isto, estaria a pensar que seria objecto de qualquer campanha de pressão psicológica.

Julgo que terá lido outros artigos meus sobre Timor e anteriores aos que aludiu, inclusive uma entrevista com monsenhor Martinho Lopes, logo após a sua chegada a Portugal.

A sua carta de agora deixa-me antever que será possível dar uma resposta minha ao senhor Administrador Apostólico de Dili para esclarecer alguns pontos e aproveitar para lhe lançar um repto de uma entrevista, para não merecer a acusação de dar "crédito apenas a uma fonte." Recordo-lhe monsenhor Ximenes Belo que quando passou de fugida por Lisboa, após visita a Itália, RFA e Espanha, perdeu uma óptima oportunidade de dar uma conferência de Imprensa para apresentar a sua versão dos acontecimentos que se passaram e passam em Timor.

Nos dois artigos a que o senhor Administrador Apostólico se refere ouvi o provincial dos Jesuitas portugueses, padre Vaz Pato, dois colaboradores próximos do padre Geral da Companhia. Não ouvi, na verdade, ninguém de Timor, por julgar isso simplesmente impossível: as cartas são violadas, controladas e "a inteligência" indonésia não o permitiria. Mas a sua carta julgo que me vem dizer o contrário.

O monsenhor é muito crítico para os Jesuitas portugueses. Disso Não me ocuparei, porque não tenho, não quero, nem eles precisariam de procuração para tanto. Mas, pelos dados que aduz, julgo que o senhor Administrador Apostólico é injusto para os "seus antigos formadores" que "amavam tanto Timor e os Timorenses que nem se deram ao trabalho de aprender o Tetum". Estudei em seminários, fui professor de seminário: julga que o esforço que uma instituição destas exige, deixará margem para os "devaneios" de aprender a língua local, no caso o Tetum? Temos, pelo que afirma, que os jesuitas indonésios, que o senhor Administrador Apostólico vai ser obrigado a aceitar, em Timor, se irão dedicar de alma e coração à aprendizagem do Tetum...

Espero, monsenhor Ximenes Belo, que terá a mesma coragem para escrever ao director do "Tempo", Nuno Rocha, para protestar pelo abuso(?) que fez duma foto tirada consigo para enquadrar uma reportagens a favor da integração de Timor pela Indonésia. Se o não fizer compromete seriamente a independência da Igreja que o senhor afirma desejar salvaguardar. A propósito, mando-lhe um recorte "irónico" sobre estas

reportagens do "Tempo", inserto no órgão diocesano de Coimbra "Correio de Coimbra". Espero que não imagine que o director do jornal da diocese de Coimbra não queira "o bem da Igreja de Timor, da diocese e do seu seminário".

Compreendo a sua situação e a sua carta.

Quem sou eu para dar um conselho ao senhor Administrador Apostólico de Dili?!

Mas porque o monsenhor termina a carta com a expressão "com amizade" julguei que lhe poderia sugerir que a história o poderá condenar se aceitar entrar no jogo da diplomacia do Vaticano para pedir a rendição da resistência maubere ao invasor. Poderá ser um alvo fácil para o apetite de todas as jogadas políticas que, naturalmente, se avizinham. Só que quando acabar de ser utilizado, o deixarão cair. E, então, os jornalistas falarão necessariamente do seu caso e das suas opções, mesmo que os "Casarolis" e "Silvestrinis" tenham passado.

O caso de Timor é, hoje, um problema de dimensão mundial. Sou jornalista profissional desde 1974. Estranho que o monsenhor Belo me pretenda condicionar na "defesa da causa de Timor". Pergunta-me, depois de me admoestar de que sou português o que fiz "no tempo colonial português". Devolvo-lhe a pergunta para perguntar a monsenhor Ximenes Belo, que se diz timorense, o que fez durante esse tempo colonial para defender o seu povo? E que faz, hoje, uma vez que me diz que Timor está sob "outro país colonizador da mesma feição do anterior" e sobre a "ocupação dos indonésios".

Diz-me o monsenhor Belo que os portugueses "não souberam colonizar". Não sou perito nesta matéria, mas, porque é que o monsenhor Belo entrou no jogo de tão maus colonizadores, estudando com eles, na sua língua (má) colonizadora, aceitando mesmo vir estudar para a capital de tão mau país colonizador?

O núncio Pablo Puente e o outro espanhol padre Nacher poderão contar, melhor que eu, as "maravilhas" da colonização espanhola nos países americanos, onde exterminaram civilizações, povos inteiros e culturas milenárias. Cito um autor insuspeito Bartolomeu de Las Casas, também espanhol: " Os espanhóis, esquecendo que eram homens, trataram estas inocentes criaturas (os índios) com uma crueldade digna de lobos, tigres e leões esfaimados. Não cessaram, desde há 42 anos de os perseguir, oprimir, destruir com todos os meios que a maldade humana inventou (...) A avidez dos espanhóis foi a única causa desta horrível carnificina". (História das Índias Orientais). E na estatística de Pierre Chaunu (As América e as Américas) chega-se à conclusão de que a população índia nos países dominados pelos espanhóis desceu de 25 milhões em 1519 para milhão e meio até 1670... Ao passo que a criação de bovinos subiu do meio milhar para 10 mil e os caprinos e ovinos do meio milhão para os oito milhões.

Apesar de tudo, e ao fazer o elogio dos jesuítas que trabalharam em Timor antes de 1964(!!!) o Administrador Apostólico de Dili reconhece que "se deram ao trabalho de aprender o Tétum (língua local) como índice de inculturação, que escreviam gramáticas, catecismos e Bíblias em Tetum." Que país tão mau colonizador que em vez de abater como animais os povos indígenas ainda gerou missionários que aprenderam a língua local para melhor servir o povo. Os jesuítas portugueses

mereciam mais justiça do jovem Administrador Apostólico de Dili. Talvez que o novo colonizador, tão merecedor dos diplomatas espanhóis ao serviço do Vaticano e dos missionários de lingua castelhana, em Timor deixando de lado o dialecto javanês aceitem o desafio de aprender o dialecto do novo colonizado. E então a história prestará a devida homenagem ao Administrador Apostólico de Dili, Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB.

A amizade com que, gentilmente, concluí a sua carta e que tanto me desvaneceu é a melhor expressão que também encontro para justificar esta nossa troca de correspondência, e na esperança de que um diálogo futuro passa aclarar algum mal-endentido resultante dos meus artigos sobre Timor-Leste.

Com amizade

António José Cadavez

António José Cadavez